



Rodrigo Diaz de Vivar, *El Cid* (1048-1099), *muy buen cauallero e de grande linaje*  
Rodrigo Diaz de Vivar, *El Cid* (1048-1099), *excelente cavaleiro e de elevada*  
*linhagem*  
Rodrigo Diaz de Vivar, *El Cid* (1048-1099), *very good knight and from great*  
*lineage*

Olga PISNITCHENKO<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa a imagem de Rodrigo Diaz de Vivar construída pela *Estoria de España* de Alfonso X e as crônicas derivadas dela. O nosso estudo se concentra nem tanto na importância política e guerreira de *El Cid*, quanto no modelo cavaleiresco que é construído a partir da sua imagem pelos cronistas que representam a voz do rei nas obras históricas analisadas. Segundo as crônicas Rodrigo atua na qualidade de vassalo dos três reis (Fernando, Sancho e Alfonso) que se sucedem no trono de Castela e Leão, construindo com cada um deles relações peculiares que apresentam ao leitor ou ouvinte da história um amplo espectro de situações nas quais Rodrigo continua se mantendo dentro da linha de comportamento de um vassalo exemplar.

**Abstract:** This article proposes to analyze the image of Rodrigo Diaz de Vivar constructed by *Estoria de España* of Alfonso X and as chronicles derived from it. Our research is concentrated not so much on the study of political and military abilities of *El Cid*, but mainly on the knightly model that is elaborated from its image by the chroniclers that represent a voice of the king in the analyzed historical works. According to the chronicles, Rodrigo acts as a vassal of the three kings (Fernando, Sancho and Alfonso) who succeed each other on the throne of Castile and Leon, constructing with each one of them peculiar relations that introduce to the reader or listener of history a wide spectrum of situations in which Rodrigo continues to remain within the line of behavior of an exemplary vassal.

**Palavras-chave:** *Estoria de España – El Cid – Castela – Leão – Cavalaria.*

**Keywords:** *Estoria de España – El Cid – Castile – Leon – Chivalry.*

ENVIADO: 07.09.2017  
ACEPTADO: 11.11.2017

---

<sup>1</sup>Graduada em História pela UFPR, mestre em História e Teoria Literária pela UNICAMP e doutora em História pela UFMG. E-mail: [pisnitchenko@gmail.com](mailto:pisnitchenko@gmail.com).



## Introdução

Tanto como personagem histórica quanto como personagem das crônicas estudadas, Rodrigo Diaz de Vivar é uma figura muito complexa que foi trabalhada por vários historiadores. Neste artigo, a figura de *El Cid* nos interessa no plano da imagem que as crônicas elaboram deste como cavaleiro e vassalo exemplar, sem entrar em discussão se o poderoso aristocrata, que se nomeava de *principis* em alguns documentos que chegaram até nós<sup>2</sup>, realmente assumia este papel. A quantidade de texto que as crônicas atribuem ao Rodrigo de Vivar, a nosso ver, só pode ser comparada com a narração dedicada a Fernan Gonzalez, o qual, como conde de Castela, ativamente participa das atividades políticas leonesas durante os quatro reinados sucessivos em Leão.

A importância política e guerreira de *El Cid*, como nos mostram as crônicas, não foi menor do que de Fernan Gonzalez. Porém, se o primeiro é esboçado pelo cronista como fundador da dinastia castelhana, o segundo, que não deixou descendência masculina, mas cujas filhas, assim como as filhas de Fernan Gonzalez, contraíram matrimônio com representantes das linhagens régias, se tornou exemplo de valentia guerreira e fidelidade nas crônicas alfonsinas e pós-alfonsinas. Embora se saiba que a relação de Rodrigo com o poder régio, principalmente quando estamos falando de Alfonso VI, foi muito controversa, os conflitos e conciliações entre os dois devem ser vistos muito além do descontentamento do rei com seu vassalo, mas como atitudes da monarquia frente a um aristocrata influente, cujo poder se mostra capaz de ameaçar o poder régio.

De qualquer modo, não temos como objetivo analisar *El Cid* como personagem histórica ou revelar seu papel na política castelhano-leonesa do século XI. O que de fato nos interessa é o Rodrigo de Vivar revelado nas crônicas do século XIII-XIV, que o vinculam a uma imagem de vassalo e cavaleiro perfeito, de acordo com a corte idealizada de Alfonso X e Sancho IV.

---

<sup>2</sup> MONTANER FRUTOS, A. *Rodrigo el Campeador como princeps en los siglos XI y XII*. e-Spania, décembre 2010, vol.10. *Internet*, <http://e-spania.revues.org/20201>.

## I. Na corte de Sancho II

Sabemos que a atuação política de Rodrigo tem início no reinado de Sancho II<sup>3</sup>; sendo assim, a sua participação no episódio da morte do Fernando Magno é uma invenção posterior, pois fica difícil de acreditar que *El Cid*, que naquela época não teria mais de 20 anos, pudesse ter uma influência tão grande na corte do rei Fernando. Contudo, para os cronistas régios pareceu importante mostrar o Rodrigo não somente como vassalo de Sancho, que representava a aristocracia castelhana em contraposição à aristocracia leonesa, a qual assumiu a liderança com a morte de Sancho e a subida ao trono de Alfonso VI, mas como vassalo de Fernando Magno, o rei que uniu sob sua mão os reinos de Leão e Castela.

A *Estoria de España*, diferentemente da *Primera Cronica General* e *Cronica de Castilla*, estende o episódio da morte de Fernando Magno e da Partição dos Reinos em vários capítulos, dando um grande espaço para a atuação de *El Cid*. De acordo com a crônica, Rodrigo chega à corte após Fernando concluir a partilha do seu reino entre os filhos junto com cardeal Dom Fernando. Este aponta para o fato de que a divisão não foi justa, uma vez que Dona Urraca, a filha mais velha do rei, não recebeu nada de acordo com a partilha. *El Cid* mostra-se nesta situação como um bom e fiel vassalo, sustentando seu papel de aconselhar e cuidar para que o rei agisse de maneira correta. Ele convence Fernando a mudar sua decisão, deixando Zamora para Urraca. Logo depois, Rodrigo pede para que o rei *encomende* a ele os seus filhos, para que pudesse cuidar que vivessem em paz entre si.

Rruy Dias Çid le dixo estonçes: “Señor, vos me criastes niño muy pequeño e, fizistes me cauallero e distes me armas e cauallo, pido vos por merçed que encomendedes a mi vuestros fijos que me fagan algó”. Los fijos fezieron estonçes jura en las manos al rrey que sienpre le feziesen onrra e amor<sup>4</sup>.

Na *Estoria de España*, Rodrigo aparece no episódio da morte do rei Fernando e revela as suas qualidades de fiel vassalo e bom conselheiro, que possui vínculos de criação e de cavalaria com o rei moribundo. Os vínculos lhe incitam a pedir ao rei estendê-los aos seus filhos, para que pudesse cuidar do último desejo de seu senhor e manter a paz entre os filhos deste. A *Primera cronica General* não apresenta o episódio com a herança

<sup>3</sup> FLETCHER, R. *Em busca de el Cid*. Unesp: São Paulo, 2002.

<sup>4</sup> CAMPA GUITÉRREZ, M. *La Estoria de España de Alfonso X*. Estudio y edición de la Versión Crítica desde Fruela II hasta la muerte de Fernando II. Analacta Malacitana, Malaga, 2009 em diante EE cap. CCXXXIX p. 353.

de Urraca e a iniciativa de colocar *El Cid* como conselheiro dos infantes parte do próprio rei:

Et ali mando llamar a Roy Diaz el Çid que era y, et comendo sus fijos et sus fijas que los conseiasse bien et touuiesse con ellos do mester les fuesse. Et fizo allí yurar a sus fijos que non fuesen unos contra otros, et que uisquiesse cada uno en pazen lo suyo... Et prometieronle allí todos que assi lo complirien, el Çid lo quel mandaua, et lo fijos otro tal sinon don Sancho... Sobresso mando el rey a todos sus fijos que se guiassem por el conseio del Çid Roy Diaz, et non le saliessem de mandado.<sup>5</sup>

*A Cronica de Castilla* diminui ainda mais a participação de Rodrigo no episódio da morte do rei: *Et era ende el Çid Ruy Días, e acomendólo ende al infante don Sancho su fijo*. Para a *Cronica de Castilla* o destino de *El Cid* é entregue aos cuidados de Sancho pelo rei moribundo, que nos parece ser mais próximo da realidade, uma vez que Sancho era dez anos mais velho que Rodrigo de Vivar. O cronista alfonsino menciona também a versão em que *El Cid* teria sido criado e investido cavaleiro por Sancho II, mas desconsidera esta possibilidade por não acreditar que fosse verossímil.<sup>6</sup>

Desse modo, o cronista insiste que o primeiro e principal vínculo que une Rodrigo à família régia é o compromisso com o rei Fernando, que é assumido no momento da investidura e reafirmado no momento da morte do rei. Para a *Estoria de España*, o episódio da morte de Fernando Magno é um momento revelador, que determina as atitudes e comportamento de *El Cid* nos dois reinados seguintes.

Ao iniciar a narração do reinado de Sancho II, a crônica alfonsina interrompe a narração para dedicar um capítulo à linhagem de Rodrigo de Vivar que, de acordo com o Título XXI da *Segunda Partida*, é uma condição imprescindível para um bom cavaleiro.<sup>7</sup> Em seguida, a crônica relata o cerco e submissão de Zaragoza, no qual Rodrigo se revela um grande guerreiro e general talentoso, ocupando a partir de então cargo de alferes na corte de Sancho II:

<sup>5</sup> ALFONSO X. *Primera crónica general de España que mandó componer Alfonso el Sabio y se continuaba bajo Sancho IV en 1289*. Ed. Ramón Menéndez Pidal. Madrid: Gredos, 1955. v. 2. Internet, <http://www.archive.org/stream/primeracrnica00sancgoog#page/n7/mode/2up> em diante PCG p. 494.

<sup>6</sup> EE cap. CCXLIII p. 427.

<sup>7</sup> As outras crônicas que analisamos não aproveitam este capítulo da *Estoria de España*.

Et el rrey don Sancho tomose estonçes para Castiella e començo de amar mucho e de onrrar a mio Çid Rruy Dias, por que vio que era buen cauallero e mucho esforçado e fizole su alferes e señor de toda su casa. Et aprouo muy bien el Çid en aquel ofiçio.<sup>8</sup>

O episódio do cerco de Zaragoza e consequente conflito e morte de Ramiro de Aragão não só introduz *El Cid* na arena política e militar dos reinos ibéricos, mas também nos revela as afinidades dos cronistas em relação às personagens desses episódios. Notamos que as crônicas posteriores a de Alfonso X demonstram muito mais simpatia por Sancho II, trazendo justificações dos seus atos belicosos; já a *Estoria de España*, por sua vez, omite os fatos que, assim como as outras crônicas, poderiam ter sido emprestados das canções de gesta dedicadas a Rodrigo de Vivar.

Assim, na crônica alfonsina Sancho é colocado como incentivador do conflito, convocando seus irmãos para atacar Ramiro de Aragão e cercar Zaragoza; em contrapartida, as crônicas posteriores apresentam uma versão em que Ramiro teria sido atacado após ter cercado Zaragoza, que já havia sido submetida por Sancho e aceitado de se tornar vassalo do rei castelhano e pagar uma contribuição.<sup>9</sup>

O conflito com Dom Garcia é narrado pelas três crônicas de maneira muito semelhante. Apesar de Dom Garcia ser incentivador do confronto, tomando à força alguns territórios pertencentes a Dona Urraca, os cronistas apontam Dom Sancho como culpado de violação do juramento feito ao moribundo rei Fernando, no que se refere à questão de os irmãos não cobixarem territórios uns de outros. Para o nosso estudo, este episódio chama a atenção pelo papel de conselheiro que Rodrigo de Vivar exerce estando entre o juramento de Dom Fernando e a fidelidade ao seu senhor Dom Sancho.

De acordo com as crônicas, Sancho reúne os seus homens em busca tanto de conselho como de aprovação da campanha militar contra ambos os seus irmãos, argumentando que o juramento já havia sido quebrado pelo Dom Garcia, o que lhe libertava da promessa feita ao pai moribundo e o permitiria realizar o principal desejo de unir sob o seu poder todo o reino de seu pai.<sup>10</sup> Isso é o que revela o diálogo entre o rei e um dos

---

<sup>8</sup> EE cap. CCXLIV p.428

<sup>9</sup> Na realidade a submissão de Zaragoza e a batalha com Ramiro de Aragão aconteceu em 1063 e Sancho participou nesta ação militar ao lado do seu pai Fernando I. GONZÁLEZ MÍNGUEZ, C. *El proyecto político de Sancho II de Castilla (1065-1072)* PTM, Palencia, 2002, p. 77-99 *Internet*, [http://dialnet.unirioja.es/servlet/fichero\\_articulo?codigo=669538&orden=0](http://dialnet.unirioja.es/servlet/fichero_articulo?codigo=669538&orden=0).

<sup>10</sup> Apesar das crônicas sempre manifestar o desejo do Sancho ocupar os reinos dos seus irmãos, os estudiosos deste período não possuem um acordo na interpretação das fontes. Assim para Menendez Pidal (MENENDEZ PIDAL, R. *Historia del Cid*. Madrid: Espasa Calpe, 1942) a força motriz do



seus homens, conde Garcia, o qual se coloca contrário a infringir o juramento feito ao rei Fernando. Dom Sancho expulsa o conde de sua frente, não querendo ouvir o conselho que contraria a sua vontade. *El Cid* fala com o rei em seguida e também não concorda com a decisão do monarca. É justamente no seu diálogo com Sancho que o cronista expõe toda a sabedoria de Rodrigo e a sua fidelidade como vassalo. Ele não segue o exemplo do conselheiro anterior, que se coloca em oposição aberta à ideia do rei. A crônica mostra que o próprio Sancho, ao se dirigir a *El Cid*, dá uma importância maior a sua opinião pelo fato deste ser “encomendado” por seu pai; por essa razão, apresenta um discurso cujo objetivo é somente convencer o seu vassalo da justeza de suas aspirações.

Relatando o reinado de Sancho II, o cronista tem uma tarefa difícil. Por um lado, neste reinado e sob a proteção deste rei se revela o talento político e militar de Rodrigo de Vivar – o exemplo de comportamento cavaleiresco; por outro, Sancho é o adversário do monarca que, além de dar a continuidade à linhagem reinante, carrega a suspeita de ter se envolvido no assassinato do irmão mais velho e, sem dúvida, de se beneficiar da sua morte, unindo os reinos da mesma maneira como almejava fazer o próprio Sancho.

Assim, Rodrigo é colocado na crônica como um adversário da ideia do rei de invadir Leão e Galícia. Contudo, sendo um bom vassalo que realmente se preocupa com as atitudes de seu rei, seu objetivo não é expor a sua opinião, mas convencer Sancho a agir de maneira correta. Por isso, seu discurso inicialmente explica a razão pela qual ele pode concordar com a ação militar do rei:

Et non me semeja aguisado de vos yo aconssejar que passedes el mandamento de vuestro padre, ca vós bien sabedes que me fezo jurar en sus manos que sienpre vos aconssejasse bien; et mientras que yo pudiere, fazerlo he ansí.<sup>11</sup>

---

conflito entre os irmãos foi a inveja e descontentamento de Alfonso, Gonzalez Mínguez (GONZÁLEZ MÍNGUEZ, C. El proyecto político de Sancho II...) ao contrário insiste no desejo de Sancho restaurar o reino unido pelo seu pai. Fernando Luis Corral (CORRAL, F.L. “*Y sometió a su autoridad todo el reino de los leoneses*”: formas de ejercicio del poder en la Historia Silense o cómo Alfonso VI llegó al trono. Internet, <http://e-spainia.revues.org/21696>) aponta que as diferenças territoriais e políticas dos reinos herdados e os bandos nobilitários que influenciavam a política dos reinos estimularam o conflito entre os irmãos após a morte da dona Sancha.

<sup>11</sup> ROCHWERT-ZUILLI, P. (ed.) *Cronica de Castilla*. Paris, SEMH-Sorbonne, 2010. Internet, <https://www.7switch.com/fr/ebook/9782919448005/cr%C3%B3nica-de-castilla>, em diante CC p. 89.

Ao perceber que não consegue convencer o rei de desistir da guerra, se esforça para amenizar a situação e persuadir o rei a invadir somente as terras do irmão culpado de quebrar o juramento, entrando em acordo com Alfonso para conseguir a livre passagem pelas terras do mesmo. Desse modo, o cronista apresenta o conselho de *El Cid* como o mais sábio possível numa situação quando o próprio rei não deseja tomar a atitude correta. Um bom vassalo, como demonstra o cronista, não só aconselha, mas precisa ter sabedoria para fazer o rei seguir seu conselho e ser leal para que tal conselho não prejudique o seu senhor.

Assim, o diálogo entre *El Cid* e Sancho introduzido em todas as crônicas tem um alto valor pedagógico e exemplar, uma vez que apresenta o comportamento de um bom vassalo numa situação difícil: *El Cid* consegue sair sem prejuízo para sua honra e para a honra do seu rei.

Durante a campanha militar contra Dom Garcia, a crônica, várias vezes, menciona talentos guerreiros de Rodrigo. E para mostrar a superioridade da sua linhagem, aponta também para a valentia de seu sobrinho Alvar Fañez, um cavaleiro cujo crescimento pessoal na corte acontece graças aos seus sucessos no campo de batalha. Ele é mencionado pela primeira vez nas crônicas participando da campanha militar contra Dom Garcia, vindo a socorrer Sancho II quando este fica aprisionado por seis cavaleiros inimigos.<sup>12</sup> No final, Garcia é vencido, preso em Burgos e depois expulso para Sevilha, enquanto as suas terras são divididas entre os irmãos mais velhos.

Em seguida, a crônica passa a se ocupar dos conflitos militares entre Sancho e Alfonso explicando-os unicamente pelo desejo de Sancho de tomar os reinos de seus irmãos.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> ...tomo el rrey don Garçia al rrey don Sancho; e derribaronle del cauallo e prendiole su hermano el rrey don Garia e diole en guarda a seys caualleros ... Et ellos estando en esto, sobre vino Aluar Fañes, e dio bozes contra aquellos caualleros deziendo les que se partiesen de su señor el rrey don Sancho. E fue luego ferir en ellos, e derribo los dos dellos, e los otros vençio por sus armas; e gano los cauалlos de aquellos dos caualleros, e el vno dio al rrey don Sancho, e el otro rretouo para si. EE cap. CCXLIX, p. 433.

<sup>13</sup> ...el rrey don Sancho queriendo ayer los rregnos de sus hermanos, mouio luego guerra con su hermano el rrey don Alfonso... EE cap CCXLI, p. 435. Pues que el rey don Sancho esto ouo acabado, tomó todo el regno de Galizia e de Portugal e pu so recabdo en él. Et vínosse para Castilla luego sin otra tardança, et envió dezir al rey don Alfonso su hermano que le dexasse el reyno de León, que era suyo, si non que lo enbiaría a desafiar. CC, p. 93.

Já o texto da *Crónica Najerense* atribui as causas das guerras de Sancho às instigações dos nobres de sua corte, os quais o convencem que o reparto de Fernando foi injusto.<sup>14</sup>

Menéndez Pidal apresenta uma versão castelhana dos acontecimentos através das anotações de um monge silense em um dos *Liber comicus*, em que afirmam que a fraude cometida por Garcia e a inveja de Alfonso moveram o rei Sancho a iniciar a guerra contra os irmãos.<sup>15</sup> De qualquer modo, não temos possibilidade de deduzir neste trabalho as razões do confronto. As crônicas nos indicam que o conflito entre Sancho e Alfonso gerou duas batalhas fundamentais: a batalha de Llantada e a batalha de Golpejera, ambas perdidas por Alfonso. A primeira batalha acontece logo após a morte de Dona Sancha, mãe dos jovens reis, em 1069. A respeito desta batalha, as crônicas analisadas por nós repetem a mesma narração, pela qual houve um acordo entre os irmãos de que o perdedor da batalha deixaria o reino para o seu adversário; no entanto, Alfonso, ao fugir da batalha, não quis cumprir o acordo.

A segunda batalha acontece depois da expulsão de Dom Garcia e termina também com a derrota de Alfonso, que acaba preso por cavaleiros castelhanos. Em ambas as batalhas, as crônicas assinalam a participação de *El Cid*, sendo que na segunda batalha a atuação de Rodrigo mostra-se fundamental por salvar Sancho dos cavaleiros leoneses que o haviam prendido. De certo modo, este episódio lembra a passagem com Alvar Fañez, porém vem dotado de mais detalhes:

...el Çid quando vio que su señor leuauan preso catorze caualleros de Leon echo en pos ellos e dixoles: “Caualleros dat me mio señor e dar vos he el vuestro”. respondieron ellos: “Christianos somos nos e vos ,e non vos queremos fazer mal; e don Rruy Dias, tornade vos en paz, si non, a vos leuarnos hemos preso con el. Et el Çid les dixo: “Deme vno de uso vna lança, ca yo non trayo ninguna ca la perdi en la fazienda; e yo solo so,e vos catorze, e vos veredes con la merçed de Dios si me la dades que vos la sacudire mio señor. Ellos non teniendo en nada un cauallero e lo que dezie, dieron le la lança; e el conbatiose con ellos, e de guisa sopo los traer en sus torneos que todos los mato, si non vno solo que fynco y cansado, que non quiso malar. E asi commo oydes libro el a su señor, e tornose con el a los castellanos; e leuaron preso para Burgos al rey don Alfonso.<sup>16</sup>

Este momento, transcrito para as crônicas posteriores a partir da *crônica de Najera*, faz uma composição com o episódio anterior, em que Sancho, ao ser informado antes da

<sup>14</sup> *Apud* BAUTISTA, F. Sancho II y Rodrigo Campeador en la *Chronica najerensis*. Internet, <http://e-spania.revues.org/18101>.

<sup>15</sup> *Apud* BAUTISTA, F. Sancho II y Rodrigo Campeador en la *Chronica najerensis*. Internet, <http://e-spania.revues.org/18101>.

<sup>16</sup> EE cap CCXLII, p. 427.



batalha de que o exército leonês era mais numeroso, replica que os castelhanos eram melhores guerreiros – só a sua lança valeria mil das deles; a de Rodrigo, cem. *El Cid* não consente com o alarde do rei, respondendo que cruzaria a sua lança com o primeiro e depois, seria o que Deus permitisse.<sup>17</sup> Este diálogo entre o rei e *El Cid* não entra na crônica alfonsina nem nas posteriores, sendo substituída pelo conselho estratégico que Rodrigo dá ao rei para vencer os leoneses.

No entanto, em ambos os casos, o cronista deixa a impressão de que a vitória de Sancho só foi possível pelo talento guerreiro e valentia pessoal de Rodrigo. Assim, o episódio da batalha de Golpejera traz ao ouvinte da crônica mais um exemplo de comportamento cavaleiresco: Rodrigo se mostra humilde, entrega a sua vida nas mãos de Deus; é sábio, capaz de aproveitar o descuido dos inimigos; e é corajoso, a ponto de não temer combater com 14 cavaleiros para salvar o seu senhor.

Alfonso, preso na batalha, é solto a pedido da irmã, Dona Urraca, e, após ter jurado fidelidade ao irmão mais velho, expulso para Toledo. Sancho se coroa em Leão. As crônicas de língua castelhana que, sem dúvida, mantêm a versão historiográfica leonesa afirmam que, não satisfeito com a vitória, Sancho resolve se apoderar dos *infantazgos* de suas irmãs, cercando Zamora, que pertencia a Dona Urraca.

A versão castelhana, a qual se refere Menendez Pidal e posteriormente Georges Martin e Francisco Bautista, traz outra explicação, de acordo com a qual a Zamora, governada por Urraca, se tornou o centro da resistência leonesa a Sancho e à nobreza castelhana,

---

<sup>17</sup> *Set cum Legionenses multo plures esse probarentur quam Castellani, rex Santius hortatus suos sic ait: 'si illi numerosiores, nos meliores et forciores. Quin inmo lanceam meam mille militibus, lanceam uero Roderico Campidocti, centum militibus comparo'. Ad hec Rodericus cum uno tantum milite cum Dei adiutorio se pugnaturum et quod Deus disponeret facturum asserebat. E contra cum rex iterum atque iterum Rodericum secure cum L uel cum XL uel cum XXX, deinde cum XX uel ad minus cum X posse pugnare contenderet, nunquam tamen aliud uerbum ab ore Roderici potuit extorquere, nisi quod cum uno se cum Dei adiutorio pugnaturum et quod Deus permetteret facturum. Cunctis uicibus respondebat hec secundum.* apud. CIROT G. Une chronique léonaise inédite. In: *Bulletin Hispanique*, tome 11, n°3, 1909. pp. 259-282. Internet, [http://www.persee.fr/docAsPDF/hispa\\_0007-4640\\_1909\\_num\\_11\\_3\\_1616.pdf](http://www.persee.fr/docAsPDF/hispa_0007-4640_1909_num_11_3_1616.pdf).

Mas como os leoneses estavam em numero muito maior do que os castelhanos, o rei Sancho exortava os seus dizendo assim: “Mesmo eles sendo numerosos, nos somos melhores e mais fortes. Na realidade posso comparar a minha lança com as mil deles e a do Rodrigo Campeados com as cem.” Rodrigo para isto afirmou que entrará em combate com apenas um soldado com ajuda de Deus e será como Deus dispuser. No entanto o rei insistia que Rodrigo poderia enfrentar os 50, depois 40, depois 30, depois 20 ou pelo menos 10, porem não conseguiu tirar da boca do Rodrigo nada a não ser que com ajuda de Deus ele entrará em combate com um de depois será como Deus permitir. E toda vez ele respondia assim (trad. nossa).

que veio para Leão junto com o rei vencedor.<sup>18</sup> De qualquer maneira, o cerco de Zamora foi o episódio final do reinado de Sancho, assassinado pelo “traidor” Velido Adolfo. Como já comentado antes, Sancho II não foi o primeiro rei morto durante uma ação militar. No entanto, os eventos envolvidos no seu assassinato repercutiram em nove capítulos da crônica alfonsina, mesmo nas fontes pertencentes à tradição leonesa que aprovava as atitudes políticas de Alfonso e Urraca. Apesar da *Estoria de España* tirar a culpa da morte de Sancho da família reinante<sup>19</sup>, o fato da traição não deixa de ser revelado e nem justificado.

---

<sup>18</sup> “subjugata omnia patria, ex nimia clementia pectoris sui, jus fedusque acceptum, captum germanum dimisit, onustum regalibus pompis, eum in Toledo direxit. Transhacto paucis diebus, jus frater fedusque Dei paruipendens, audacter seductis civibus ingressus in urue Zamora, reuellis factus frater et Dei; exhinc obpressum inimicum in urbe Zamora rex Sancius. Angustie fameque lascerati cibes obpidi simul (ex rex) fraudulenter consilium inierunt (quomodo) fraudulenter Sancium regem occiderunt... expleverunt parrucidium suum; percussa lancea in latus occiderunt regem piissimum, nonis octobris...”.

Dominada toda a terra, de bondade excessiva do seu coração aceitando o tratado sob o juramento deixou que o irmão capturado se dirigisse a Toledo com pompa real. Passando alguns dias, (Alfonso) desprezando o tratado firmado com o irmão aos olhos de Deus, ousadamente persuadindo os cidadãos entrou na cidade de Zamora rebelado contra o irmão e Deus, portanto rei Sancho cercou os seus inimigos na cidade de Zamora. Atormentados pela angustia e fome os moradores da cidade reuniram um conselho fraudulento para fraudulentamente matar o rei Sancho... realizaram o assassinato de um dos seus. Atravessando com uma lança mataram o rei mais piedoso nas nonas de outubro... (trad. nossa). “Manuscrit de l’abaye de Sillos aquis de la bibliotheque nationale”. In: DELISLE, L. *Mélanges de paléographie et de bibliographe*. Paris, 1880: p. 67. Internet, <https://archive.org/stream/mlangesdepalogr01deligoog#page/n85/mode/2up>.

<sup>19</sup> As crônicas de linha castelhana acusam abertamente a Urraca. Aegrotavit rex Ferrandus usque ad mortem, et dedit Castellam ad filio suo Saticio rege, et regnavit in modico tempore; ipse fuit occisus, per concilium domna Urraca, germana sua in civitate qua; dicitur Zamora. O rei Fernando adoeceu e morreu e deu Castela para seu filho rei Sancho, que reinou por pouco tempo e foi assassinado por conselho de Dona Urraca sua irmã, na cidade chamada Zamora. (trad. nossa). “Fuero de Castrojerez”. *Apud*. MUÑOZ Y ROMERO, T. *Colección de fueros municipales y cartas pueblas de los reinos de Castilla, Leon, Corona de Aragon y Navarra*. Madrid, 1847 p. 40. Internet, [https://books.google.com.br/books/about/Colecci%C3%B3n\\_de\\_fueros\\_municipales\\_y\\_carta.html?id=8w58yg6XzJoC&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/Colecci%C3%B3n_de_fueros_municipales_y_carta.html?id=8w58yg6XzJoC&redir_esc=y).

Rex iste occisus est proditore consilio sororis suae Urracae apud Numantiam civitatem per manum Belliti Adelfis, magni traditoris O rei foi morto por mão de grande traidor Velido Adolfo (que agiu) por coselho de sua irmã Urraca na cidade de Numantia. (trad. nossa). Francisco de BERGANZA, *Antigüedades de España, propugnadas en las noticias de sus reyes*, 2 vols., Madrid, 1719-1721, 1, p. 435). *Apud*. MARTIN, G. “Les Juges de Castille: mentalités et discours historique dans l’Espagne médiévale”. In: *Annexes des Cahiers de linguistique hispanique médiévale*, volume 6, 1992. p. 100, p. 5-675. Internet, [http://www.persee.fr/doc/cehm\\_0180-9997\\_1992\\_sup\\_6\\_1\\_2095](http://www.persee.fr/doc/cehm_0180-9997_1992_sup_6_1_2095).

Um homem de Zamora chega ao acampamento do rei *besole la mano*<sup>20</sup>, jurando, deste modo, fidelidade e se tornando seu vassalo. Este homem propõe ao rei mostrar as partes fracas dos muros de Zamora, afirmando que havia fugido da cidade correndo perigo da morte em razão da sua fidelidade ao rei.

Assim, Sancho aceita a ajuda não de um traidor, mas de um vassalo que cumpria com seu dever. No entanto, se afastando do acampamento, Velido Adolfo atravessa o rei com uma lança e foge para Zamora, que acolhe o regicida dentro dos seus muros. A indignação dos castelhanos se revela pelos *rieptos*<sup>21</sup> que os vassalos mais próximos do rei promoveram com os cavaleiros de Zamora.

*Riepto* era um procedimento em que um *fijo dalgo* acusava outro em traição e desafiava-o num combate.<sup>22</sup> A acusação, de acordo com o código alfonsino, só podia ser feita diante do rei. No entanto, os castelhanos se encontram diante de uma situação em que seu próprio rei fora assassinado, o que causa um grande desespero no exército castelhano. O cronista assim registra a reação do exército:

E andauan por la hueste metiendo grandes bozes e carpiéndose por el. Et por que se vieron solos syn señor derramaron todos los mas rraezes a cada parte desanpararon todas sus cosas, e ovo y muchos delos muertos e presos por esta rrazon.<sup>23</sup>

Ao mesmo tempo, a crônica oferece um exemplo de comportamento cavaleiresco:

Mas la caualleria de los nobles castellanos, metiendo mientes a lo que deuien e, guardando su lealtad commo siempre su linaje lo guardara et la fama que ellos avien de armas non se quisieron por esto mouer mas estouieron fuertes. El Çid rrepto estonçes a los de Çamora porque mataran su señor.<sup>24</sup>

No momento de maior desespero pela perda do rei, a crônica nos apresenta um modelo de ação exemplificado por cavaleiros castelhanos, liderados naquele momento por *El Cid*.

---

<sup>20</sup> EE, cap. CCLXII, p. 446.

<sup>21</sup> No caso de a acusação de traição partir de um *fijodalgo* contra outro, a lei, baseando-se em *costumbre de España*, exigia o procedimento de *riepto* – a convocação para um combate judicial através do qual o acusado deveria provar a sua inocência. O procedimento de *riepto* é minuciosamente descrito nas *Siete Partidas*, as quais dedicam a ele dois títulos. Isso mostra a importância que os juristas alfonsinos davam ao combate judicial.

<sup>22</sup> SIETE PARTIDAS VII: IV.

<sup>23</sup> EE cap. CCLXV, p. 450.

<sup>24</sup> EE cap. CCLXV, p. 450.

Mesmo angustiado, Rodrigo age dentro dos padrões de ação cavaleiresca através do *riepto* – desafia aqueles que julga serem culpados da traição. A crônica nos descreve o procedimento de *riepto* tal qual podemos encontrar na *Setima Partida*. *El Cid* acusa os de Zamora de traição, os quais respondem que não eram responsáveis pelos atos de Velido Adolfo. Insatisfeito com a resposta, *El Cid* os desafia a lutar<sup>25</sup>, combatendo com 15 cavaleiros que saem para defender a honra da cidade. O *Riepto* de *El Cid* faz parte somente da *Estoria de España*. As outras crônicas mencionam somente o *riepto* de Dom Diego Ordoñez, que vem para os muros de Zamora *rieptar* os traidores após o enterro do rei no mosteiro de Oña, onde este foi levado por seus vassalos.

Um outro momento assinalado pela crônica alfonsina e pelas posteriores é o juramento que *El Cid* exige de Alfonso, afirmando que não teria nenhuma relação com a morte por traição do monarca anterior. Um juramento tão vivamente reconstruído através das crônicas por Menéndez Pidal<sup>26</sup>, mas que Fletcher considera inverossímil.<sup>27</sup> Para nós, o episódio de juramento representa o interesse pela lição didática de fidelidade que o cronista pretendia passar aos seus ouvintes.

É a fidelidade que se mantém mesmo após a morte do senhor natural, fidelidade que não permite a *El Cid* se tornar vassalo do assassino de seu senhor. Mesmo correndo o risco de perder a benevolência régia, *El Cid* exige este juramento – embora o próprio Sancho, no leito da morte, tenha legado que Rodrigo fosse recebido como vassalo por Alfonso:

Amigos e vasallos, rruego vos que seades buenos todos al Çid, ca fizome mucho seruiçio en todas las cosas que yo tome por bien asi commo el agora aquí dixo; et por ende rruego otrosi al conde don Garçia señalada mente que rruegue a mio hermano don Alfonso quando veniere de tierra de moros, que faga algo al Çid e que le rresçiba por su vasallo.<sup>28</sup>

As personagens régias de Sancho e Alfonso também não deixam de representar um papel didático moral. Sancho, moribundo, se mostra um bom senhor e merecedor da

---

<sup>25</sup> Lid es una manera de prueba que usaron facer antiguamente los homes quando se querien defender por armas del mal sobre que los reptaban. *Siete Partidas* VII: IV.

<sup>26</sup> MENENDEZ PIDAL, R. *Historia del Cid*. Madrid: Espasa Calpe, 1942.

<sup>27</sup> De acordo com Fletcher apesar de não ser claro hoje em dia se Alfonso estava ou não envolvido com a morte do irmão somente as crônicas posteriores a seu reinado levantaram esta suspeita. O partido castelhano, que foi prejudicado e não conformado de acordo com Menendez Pidal com a morte do Sancho, para Fletcher tranquilamente se integrou na corte do novo rei. FLETCHER, R. *Em busca de el Cid*. Unesp: São Paulo, 2002.

<sup>28</sup> EE, cap. CCLXV, p. 449.

lealdade de *El Cid*; ele se preocupa com o destino do seu vassalo mais fiel, cuja fidelidade o prejudica diante dos olhos de Alfonso, que viria a ser o próximo rei. A nosso ver, a *Estoria de España*, ao desenvolver a narrativa em torno do reinado de Sancho, consegue elaborar uma simbiose exemplar da relação senhor-vassalo entre o rei e *El Cid*, uma relação de fidelidade e reciprocidade que, de certo modo, ultrapassa as fronteiras da morte.

O juramento exigido de Alfonso apresenta-se como o ponto culminante deste relacionamento, considerando que o novo rei não aceita imediatamente Rodrigo como seu vassalo

Despues que la jura fue acabada, fue el Çid por besar la mano al rrey don Alfonso, mas non gela quiso el dar nin le amo de alli adelante commo deuiera, maguer que mucho seruïço le fizo el, e pero que era cauallero mucho esforçado e mucho aventurado en todos sus fecho.<sup>29</sup>

Ao narrar o reinado de Alfonso VI, o cronista alfonsino não deixa seu ouvinte esquecer que a relação de Rodrigo com Alfonso, apesar de durar por mais de 25 anos e nunca ultrapassar a frouxa fronteira de rivalidade estando, por vezes, em campos políticos opostos, nunca chegou a ser de tamanha confiança e reciprocidade como com Sancho II.

No entanto, e talvez justamente por esta razão, a relação entre *El Cid* e Alfonso VI é apresentada pelo cronista como uma relação exemplar do ponto de vista didático moral. Na sua narrativa, o cronista mostra que nem a falta de afeto por parte do rei e nem as suas decisões injustas fazem com que *El Cid* infrinja o juramento de fidelidade uma vez prestado.

## II. Vassalo de Alfonso VI

A crônica nos informa e os documentos confirmam<sup>30</sup> que, após a morte de Sancho, *El Cid* passa a fazer parte da corte de Alfonso VI. No entanto, um conflito que Fletcher interpreta como uma ação impensada de Rodrigo<sup>31</sup> faz com que os seus inimigos na corte do rei *dixerón mucho mal del al rrey e mezclaron le muy mal con el rrey*. Assim, em 1080, após não obter sucesso em negociações com o conde de Barcelona, Rodrigo de Vivar

<sup>29</sup> EE, cap. CCLXXIII, p. 461.

<sup>30</sup> FLETCHER, R. *Em busca de el Cid*, p. 177.

<sup>31</sup> *Ibid.*

se vê obrigado a abandonar a corte do rei, se exilando em Zaragoza e prestando serviços militares ao rei Al Mutamin.

A *Estoria de España* não deixa de acompanhar as atividades de Rodrigo durante os cinco anos em que esteve a serviço dos reis de Zaragoza, dedicando-lhe mais páginas do que ao próprio rei Alfonso. Além de narrar os sucessos militares de *El Cid*, o cronista alfonsino faz questão de acentuar que em nenhum momento, mesmo sendo expulso, Rodrigo comete qualquer coisa que pudesse prejudicar o rei Alfonso ou os reinos de Leão e Castela; pelo contrário, tenta reconquistar a benevolência do monarca mandando seu sobrinho Alvar Fañez levar os cavalos obtidos numa ação militar:

Et desi porque vos sabedes commo me echo de la tierra mi señor el rrey don Alfonso, querria si podiese trabajar me de ganar la su graçia Et por ende quiero que escojades treynta cauallos muy buenos destos que cayeron a mi en suerte e que me los leuedes ensillados e enfrenados con sendas espadas a los arzones a mio señor el rrey don Alfonso, e gelos enpresentedes por mi; en quanto vos pudieredes ganadme la su graçia e el su amor...<sup>32</sup>

Um outro episódio narra sobre a traição de Rueda, que acabou custando vidas de vários homens da *mesnada* régia. Nesta passagem, o cronista também acentua que, apesar de estar do lado oposto do rei leonês no conflito sobre a posse de Rueda, *El Cid* fica preocupado em provar que não estava envolvido no ocorrido; Alfonso VI aceita as suas explicações. *As crônicas* apontam esta ocasião como o momento no qual *El Cid* recebe o perdão de seu rei, mas recusa o seu convite de voltar à corte em razão dos compromissos que mantém com o rei de Zaragoza.

O curioso é que enquanto a *Estoria de España* e *Primera cronica General* secamente comunicam que *El Çid non pudo estonçes venir com el*, a *Cronica de Castilla* mostra uma negociação entre o rei, que pede a Rodrigo para voltar, e *El Cid*, que demanda as suas exigências:

E estonçe perdonólo e díxole que se viniese con él para Castilla. E el Çid gradeçióle la merçed que le fazia, mas díxole que nunca vernía a la su merçed si non le otorgase lo que le quería demandar. E él otorgógelo. E el Çid estonçe demandó que otorgase a los fijosdalgo que quando oviese alguno de salyr de la tierra, que ouiese treynta días de plazo, así commo ante avían nueue días, e que non pasase contra ningunt fiodalgo nin omne çibdadano syn ser oýdo commo deuía por derecho, nin pasase a las villas nin a los otros lugares contra sus preuillejos nin contra sus buenos vsos, nin les echase pechos ningunos desaforados, sy non, que se le pudiesen alçar toda la tierra por esto fasta que ge lo emendase. E el rey otorgógelo todo entonçe, e díxole que sse viniese para Castilla con él.

---

<sup>32</sup> EE cap. CCLXXXVII, p. 476.

Estonçe dixo el Çid que lo non faría, mas pues que tenía çercado aquel lugar<sup>5</sup> fasta que le diese derecho de aquel moro e de los que eran con él, que non se partiría de allý.<sup>33</sup>

Esta passagem da *Cronica de Castilla* está embebida do espírito molinista.<sup>34</sup> *El Cid*, apresentado na crônica, não só se nega a abandonar todos os compromissos e a voltar à primeira palavra do seu senhor, como também exige que o rei cumpra as suas condições. As exigências de Rodrigo estão voltadas para limitar a vontade régia e respeitar os privilégios dos fijos de algo e dos çibdadanos – que são as camadas sobre as quais se apoiou a rainha Maria de Molina durante seu governo em ambas as regências.

As reivindicações de *El Cid* expressas naquele momento da crônica revelam a turbulenta ação dos bandos nobiliários e as suas demandas diante do poder régio nesse início do processo de “senhorialização”, cujas raízes Carlos Estepa Díez percebe já no reinado de Sancho IV.<sup>35</sup> Por outro lado, *El Cid* fala não em nome da alta nobreza, mas em nome de cavaleiros *fijos dalgo e çitadinos*, que vão compor as forças sobre as quais se apoiará politicamente Alfonso XI.

Há outros momentos na *Cronica de Castilla* nos quais fica fácil de perceber o reflexo das transformações sócio-políticas no que diz respeito à relação da monarquia com a nobreza. Assim, quando *El Cid* volta a Castela e é recebido por Alfonso VI, o rei, de acordo com a *Estoria de España e Primera cronica general diole en tenençia el castillo de Dueñas con toda su alfoz e Orzejon, e Ypia, Canpo, Eguña, Breniesca, e Langacon todas sus alfozes*.<sup>36</sup>

A *Cronica de Castilla*, elaborada no início do século XIV, no momento em que os senhorios jurisdicionais estavam se tornando a forma principal de propriedade dominial, omite a palavra tenência – *diole el castillo de Dueñas, e el de Arçejon ... con todos alfozes*<sup>37</sup> – para demonstrar maior peso da figura de Rodrigo e da gratificação régia, do ponto de vista do século XIV.

<sup>33</sup> CC, p. 131.

<sup>34</sup> Patricia Rochwert-Zuili, no estudo preliminar à edição crítica da *Cronica de Castilla*, assinala a influência da corte de Maria de Molina no que concerne ao tratamento dado pelos cronistas à ação aristocrática. ROCHWERT-ZUILI, P. (ed.). *Cronica de Castilla*. Paris, SEMH-Sorbonne, 2010. Estudo preliminar p. 35. *Internet*, <https://www.7switch.com/fr/ebook/9782919448005/ct%C3%B3nica-de-castilla>.

<sup>35</sup> ESTEPA DÍEZ, C. *La monarquía castellana en los siglos XIII y XIV*. Edad Media. Revista de Historia, 8, 2007, p. 79-98.

<sup>36</sup> EE, cap CCXCIV, p. 486.

<sup>37</sup> CC, p. 133.

No entanto, o que mais chama a nossa atenção no que diz respeito à matéria cidiana na *Primera Cronica General* e *Cronica de Castela* é a omissão total do segundo conflito entre Alfonso VI e *El Cid*, quando o último não consegue juntar o seu exército com o régio nos arredores de Aledo. A princípio, este episódio faz parte da *Historia Roderici*, a crônica que Fletcher considera um dos poucos documentos confiáveis dentre aqueles que tratam dos acontecimentos do século XI por ter sido escrita poucos anos após a morte de Rodrigo de Vivar.<sup>38</sup>

O desencontro de Aledo e as várias tentativas de *El Cid* de justificar-se diante do rei ocupam muitas páginas da *Historia Roderici*, boa parte das quais traduzida e transcrita pela *Estoria de España* alfonsina. De acordo com o texto das crônicas, Alfonso VI, dando ouvidos aos seus conselheiros, considera o fato do exército de *El Cid* não ter chegado ao Aledo no período certo como ato de traição; por isso, retira as terras e castelos que haviam sido entregues em tenência a Rodrigo de Vivar, prende sua mulher e filhos no castelo de *Orzejon*<sup>39</sup> e não só não aceita as explicações de *El Cid*, como não lhe permite *rieptar* em defesa da sua honra. A única condescendência do rei em relação a Rodrigo é liberar a sua família:

Rex autem vehementer contra illos iratus, suam exconductionem licet justissimam, non solum ei accipere, verum etiam benigne audire noluit verum tamen & uxorem, & liberos ad eum redire permisit.<sup>40</sup>

Desterrado de Castela, Rodrigo de Vivar começa uma nova etapa de suas atividades militares, que acabarão valendo-lhe o principado de Valencia. Não entraremos aqui na discussão, da qual se ocupam vários estudiosos deste período, sobre se a conquista de Valencia foi realizada por Rodrigo como vassalo de Alfonso VI ou pelo guerreiro sem vínculo vassálico com os reinos de Castela e Leão. O que nos interessa é que as crônicas em nenhum momento deixam de tratar *El Cid* como vassalo da coroa castelhana-leonesa. Um dos relatos mais curtos e, a nosso ver, mais objetivos sobre a atuação de Rodrigo no Levante espanhol pertence a Rodrigo Jimenez de Rada:

<sup>38</sup> FLETCHER, R. *Em busca de el Cid*, p. 124.

<sup>39</sup> EE, cap. CCCXXI, p. 516.

<sup>40</sup> RISCO, M. “Historia Roderici Didaci Campidocti ante hac inedita, et novissime in antiquo codice Bibliothecae Regii Conventus San Isidori Legionensis reperta”, págs. XVI-LX de *La Castilla y el más famoso castellano. Discurso sobre el sitio, nombre, extensión y condado de la antigua Castilla. Historia del célebre castellano Rodrigo Díaz, llamado vulgarmente el Cid Campeador*, Madrid, Blas Román, 1792. XX-310-LXVI págs. ed. facsímil La Coruña, Órbigo, 2006. *Internet*, <https://books.google.es/books?id=taAKAAAAQAAJ&pg=RA2-PR16&hl=ru#v=onepage&q&f=false>.



Durante su reinado, Rodrigo Díaz el Campeador, quien, por la razón que conté no era bien visto por el rey, formada una tropa de parientes y caballeros, se dispuso a hostigar a los árabes por su cuenta.... avanzando desde allí llegó hasta Valencia y la sitió; y como el rey árabe Búbar acudiera en ayuda de Valencia con su ejército en la batalla que se entabló logró Rodrigo el triunfo... Y al punto se rindió la ciudad a Rodrigo, y la ocupó mientras vivió... Pero después de la muerte de Rodrigo la ciudad fue recuperada por los árabes.<sup>41</sup>

Ao falar de um dos seus personagens mais exemplares, as crônicas alfonsinas e pós-alfonsinas não adotam como fonte a lacônica narração do bispo toledano. A *Estoria de España* aproveita a *Historia Roderici* para narração dos fatos, porém organizando um texto próprio, em que acrescenta e acentua o vínculo vassálico entre Alfonso VI e Rodrigo de Vivar. Enquanto isso, a *Primeira Cronica General* não faz nenhuma menção ao desencontro de Aledo e ao desterro de *El Cid* como consequência deste acontecimento, continuando a narrar os sucessos militares de Rodrigo no Levante espanhol como se este continuasse como vassalo de Alfonso VI e tenente dos castelos em Castela, os quais, de acordo com *Historia Roderici*, lhes foram desapropriados. A *Cronica de Castilla* fornece ao seu ouvinte uma informação muito reduzida, sem entrar em detalhes e sem oferecer qualquer interpretação: *Cuenta la estoria que pues que el Çid se tornó del castillo de Aledo, non fue con el rrey don Alfonso, et fuese para Valençia e moró y como solía.*<sup>42</sup>

Diferentemente das crônicas posteriores, a *Estoria de España* nos comunica que desencontro de Aledo foi a causa da ira régia e a razão do banimento de Rodrigo. Porém, enquanto a *Historia Roderici* aponta somente dois antagonistas deste conflito, Alfonso VI e o próprio Rodrigo<sup>43</sup>, a *Estoria de España* traz a presença do entorno régio, hostil a Rodrigo: *Aquellos que eran sus enemigos mesclaron le estonçes muy mal con el rrey don Alfonso.*<sup>44</sup> Este entorno, de acordo com a crônica alfonsina, faz com que o rei tome decisões desfavoráveis em relação de *El Cid*. *Mas el rrey non le quiso tomar su salua miento,*

<sup>41</sup> JIMENEZ DE RADA, R. *Historia de los hechos de España*. Alianza editorial: Madrid, 1989, p. 256-257.

<sup>42</sup> CC, p. 161.

<sup>43</sup> Rex autem nec hujusmodi judicium ab ipso Roderico iudicatum, nec suam exconductionem, & salvationem recipere voluit.

Mas o rei não quis receber as justificações do Rodrigo a respeito disso, nem as suas desculpas e nem a sua defesa. (trad. nossa) RISCO, M. “Historia Roderici Didaci Campidocti ante hac inedita, et novissime in antiquo codice Bibliothecae Regii Conventus San Isidori Legionensis reperta”, págs. XVI-LX de *La Castilla y el más famoso castellano. Discurso sobre el sitio, nombre, extensión y condado de la antigua Castilla. Historia del célebre castellano Rodrigo Díaz, llamado vulgarmente el Cid Campeador*, Madrid, Blas Román, 1792. XX-310-LXVI págs. ed. facsímil La Coruña, Orbigo, 2006, p. XXXIII.

<sup>44</sup> EE, cap CCCXXI, p. 516.

*antes quiso creer a sus lisongeros.*<sup>45</sup> Assim, a *Estoria de España* exime boa parte da responsabilidade do rei nas decisões tomadas em relação a Rodrigo, criando um antagonismo entre *El Cid* e seus *ememigos*. Nesse contexto, o rei faz somente papel de intermediário, tomando por vezes o lado de Rodrigo, por vezes o de seus inimigos.

A conquista de Valencia é apresentada pelas crônicas como uma conquista para o rei. Para a *Estoria de España*, esta foi a vitória militar que devolveu a *El Cid* a benevolência régia. De acordo com a crônica, a primeira atitude de *El Cid* ao conquistar Valencia foi enviar Alvar Fañez com presentes ao rei, com o objetivo de restituir a relação com Alfonso VI.

Despues que Aluar Fañes llego a Castiella, e sopo commo el rrey don Alfonso era en Sant Fagunt e que faxie y sus cortes, fueise para el. Otrosi luego que entro fynco los ynojos antel e besole la mano, et dixole: “Señor, Rruy Dias Çid vos manda besar los pies e las maños commo a señor natural. Et rruegavos que ayades merçed e que le perdonedes si alguna querella avedes del, e lo rresçibadesen vuestra tierra si el veniere, ca el vuestro vasallo es, e a vos cata por señor; e enbiauos dezir el bien que Dios le fizo despues que sallio de Castiella, este es el que gano: Xerica, Onda, Almenar, Muruiedro, Çebolla, Juballa, Castrejon, Peña Cadielio, Denia, e Valençia, e es señor de todo e avn de otros lugares muchos; et fizo y obispo a vno que ha nombre Jheroninio, e vençio çinco lides canpales e gano muy grandes rriquezas graçias a Dios, e por que creades que esto es verdad enbiauos estos çient cauallos que y gano en seruiçio que le cayo en el su quinto”. El rrey don Alfonso quando lo oyo, plogole mucho, e dixo que el querie tomar los cauallos que enbiaua el en presente. Et el conde don Garçia Ordoñes quando esto vio, pesole mucho, e dixo contra el rrey: “Señor, por maraullialo ternia yo si asi es commo Aluar Fañes dize”. El rrey le dixo: “Conde, callad vos, ca mucho me sirue mejor el Çid que vos en todas guisas”.<sup>46</sup>

Desse modo, a crônica cria uma construção de acordo com a qual todas as atividades militares de Rodrigo após o desencontro de Aledo teriam sido realizadas por ele em busca de se redimir diante do monarca. *El Cid* da crônica alfonsina em nenhum momento deixa de ser vassalo do rei. Alfonso VI, por sua vez, não ocupa um lugar de adversário de Rodrigo, como pode ser percebido na *História Roderici*, mas representa uma força à parte, uma força superior que se inclina para um ou para outro lado, de acordo com vários fatores.

Os adversários de Rodrigo – *enemigos* –, representados na maioria das vezes por Garcia Ordoñez, que ocupou o lugar de alferes ao lado do rei, são os que se esforçam para

<sup>45</sup> *Ibid.*

<sup>46</sup> EE, cap. CCCXXXVIII, p. 531.

influenciar o rei, interpretando todos os atos de Rodrigo como tentativas de prejudicar o monarca. Assim, a conquista de Valencia, ao lado dos outros sucessos militares enumerados por Alvar Fañez diante do rei, é interpretada pela crônica como o momento em que a balança definitivamente se inclina para o lado de *El Cid*. O seu adversário é repreendido pelo rei e as suas atitudes em benefício do seu senhor natural são reconhecidas.

O recado didático-moral não gera dúvidas: um vassalo leal, um guerreiro valente, um cavaleiro que age de acordo com seu dever acabará sendo recompensado, apesar de todos os infortúnios que podem aparecer no seu caminho. A *Estoria de España* alfonsina não se esquivava de dar este recado e, apesar de transformar um pouco a mensagem, não omite a possibilidade de conflito entre vassalo e senhor. Todavia, a crônica elabora um modelo de comportamento de vassalo que, independente da ira régia, continua trabalhando *por guardar, et defender et acrescentar*<sup>47</sup> a terra – realizando as funções próprias de um cavaleiro, como definem as *Siete Partidas*.

No caso das crônicas posteriores a de Alfonso X, a conquista de Valencia perde um pouco do seu significado simbólico de reconciliação pelo fato do conflito entre o rei e Rodrigo ter sido omitido nestas versões. Os sucessos militares de Rodrigo são interpretados como serviço à coroa. Tanto a *Primera Cronica General* como a *Cronica de Castilla* repetem o mesmo diálogo entre Alvar Fañez e Alfonso VI:

– ¿Qué nuevas me traedes del Çid, mi vassallo e leal, el más onrrado nouel que nunca fue armado en Castilla?

Et quando esto oyó don Áluar Fáñez, plógol’ mucho et díxol’:

– Señor rey don Alfonso, el Çid allá do está vos enbía bessar las manos e encomendarse en la vuestra merçed, commo a sseñor natural a cuyo seruiçio es.<sup>48</sup>

Este diálogo claramente descreve a relação que une *El Cid* e Alfonso VI. O rei, ao se dirigir a Alvar Fañez, afirma reconhecer Rodrigo como seu vassalo. O sobrinho de *El Cid* afirma ter sido encarregado por Rodrigo para cumprir as obrigações deste como vassalo para com seu senhor natural. Assim, as crônicas posteriores resolvem não revelar a natureza complexa da relação entre o rei e aquele escolhido para ser o modelo de comportamento cavaleiresco. Isso demonstra que as transformações no ambiente

---

<sup>47</sup> *Siete Partidas* II: X: III.

<sup>48</sup> CC, p.190 o mesmo dialogo é presentado pela PCG na p. 593.



cortesão pós-alfonsino deixam modificações visíveis no que diz respeito à relação entre a nobreza e o poder monárquico.

Os cronistas que representam a visão régia defendem que o conflito entre o monarca e um membro de nobreza não deveria ser apresentado nesse ambiente. Seria isto um sinal de enfraquecimento do poder real durante os reinados em que os monarcas precisaram provar continuamente os seus direitos de possuir coroa? Ou talvez, e isto nos parece uma das razões que explicaria o enfoque diferente da crônica, as coligações políticas com a nobreza criadas por Sancho IV durante o seu confronto com Alfonso X permitiram que a nobreza adquirisse consciência do seu peso não só como membro de um corpo político cuja cabeça é o rei, mas a consciência de si como um corpo político independente.

Um corpo político que estava se formando no final do século XIII e início do século XIV na forma de senhorio jurisdicional, o qual, de acordo Carlos Estepa Díez estava intrinsecamente ligado à extensão do poder régio, tanto no que diz respeito ao fisco e à implantação do novo sistema de impostos para incrementar a fazenda régia, como no que tange a criação dos laços diretos de vassalagem com o rei. Neste cenário político, o poder monárquico primava por manter a importância da vassalagem diante do rei, associando em primeiro plano o poder régio com o senhorio natural e o amor à terra, no que insistem várias leis das *Siete Partidas*.

Enquanto isso, os grandes nobres, principalmente os pertencentes à família real tais como Juan Manuel ou Dom Juan Torto, tentavam se apropriar jurisdicionalmente das rendas do fisco régio e criar um sistema de vassalagem cuja cabeça seria não o rei, mas o grande senhor. Ora, os traços desse sistema poderiam ser encontrados e interpretados a partir das crônicas históricas, uma interpretação na qual o rei não estava interessado. Assim, a decisão do cronista de omitir o conflito entre o rei e *El Cid* e criar uma narração na qual o vassalo não abandona o senhorio natural de Alfonso VI parece lógica; em nenhum momento a rede vassálica de Rodrigo se desliga da rede vassálica régia, a fim de não criar justificações para o cenário político desfavorável dentro do qual as crônicas estavam sendo elaboradas.

## Conclusão

O modelo cavaleiresco construído em torno da atuação política e guerreira de Rodrigo de Vivar não pode ser trabalhado sem levar em conta as forças políticas que agiam no reino castelhano-leonês nos momentos em quais estava sendo elaborada e reelaborada



a apresentação do conhecimento histórico. Concordamos com George Martin que afirma que Alfonso X atribuiu um importante papel à história na epistemologia do político conferindo ao saber histórico uma função de acondicionar as elites do reino a um ideário proposto pela monarquia.<sup>49</sup>

Assim, a obra histórica alfonsina pretende fornecer tanto às elites como aos futuros governantes os modelos comportamentais baseados em exemplos históricos. Esta função didático moral do saber histórico está por trás da imagem cívica construída pela *Estoria de España* e as crônicas derivadas dela.

\*\*\*

## Bibliografía

- ALFONSO X. *Las Siete Partidas del Rey Sabio don Alonso el nono* [sic] nuevamente glosadas por el Licenciado Gregorio Lopez del Consejo Real de Índias de su Magestad. Salamanca. Año M.C.L.V. (Edição Fac-Símile). Madrid: Boletín Oficial del Estado, 1985. 3v.
- ALFONSO X. *Primera crónica general de España que mandó componer Alfonso el Sabio y se continuaba bajo Sancho IV en 1289*. Ed. Ramón Menéndez Pidal. Madrid: Gredos, 1955. v. 2. Internet, <http://www.archive.org/stream/primeracrnica00sancgoog#page/n7/mode/2up>.
- BAUTISTA, F. Sancho II y Rodrigo Campeador en la *Chronica naierensis*. Internet, <http://e-spania.revues.org/18101>.
- CAMPA GUITÉRREZ, M. *La Estoria de España de Alfonso X*. Estudio y edición de la Versión Crítica desde Fruela II hasta la muerte de Fernando II. Anacta Malacitana, Malaga, 2009.
- CIROT G. Une chronique léonaise inédite. In: *Bulletin Hispanique*, tome 11, n°3, 1909. pp. 259-282 Internet, [http://www.persee.fr/doc/AsPDF/hispa\\_0007-4640\\_1909\\_num\\_11\\_3\\_1616.pdf](http://www.persee.fr/doc/AsPDF/hispa_0007-4640_1909_num_11_3_1616.pdf)
- Manuscrit de l'abbaye de Sillos aquis de la bibliotheque nationale. In : DELISLE, L. *Mélanges de paléographie et de bibliographe*. Paris, 1880. Internet, <https://archive.org/stream/mlangesdepalogr01deligoog#page/n85/mode/2up>.
- CORRAL, F. L. "Y sometió a su autoridad todo el reino de los leoneses": formas de ejercicio del poder en la *Historia Silense o cómo Alfonso VI llegó al trono*. Internet, <http://e-spania.revues.org/21696>.
- ESTEPA DÍEZ, C. *La monarquía castellana en los siglos XIII y XIV*. Edad Media. Revista de Historia, 8, 2007.
- FLETCHER, R. *Em busca de el Cid*. Unesp: São Paulo, 2002.
- GONZÁLEZ MÍNGUEZ, C. *El proyecto político de Sancho II de Castilla (1065-1072)* PTM, Palencia, 2002, Internet, [http://dialnet.unirioja.es/servlet/fichero\\_articulo?codigo=669538&orden=0](http://dialnet.unirioja.es/servlet/fichero_articulo?codigo=669538&orden=0).
- JIMENEZ DE RADA, R. *Historia de los hechos de España*. Alianza Editorial: Madrid, 1989.

---

<sup>49</sup> MARTIN, G. *Determinaciones didáctico-propagandísticas en la historiografía de Alfonso X el Sabio*. La construcción de los Estados Europeos en la Edad Media: la propaganda política, Apr 2003, Benissa, España. 2003. Internet, <http://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00160899>.



ZIERER, Adriana, COSTA, Ricardo da (orgs.). *Mirabilia 26 (2018/1)*  
Society and Culture in Portugal  
Sociedade e Cultura em Portugal  
Sociedad y Cultura en Portugal

Jan-Jun 2018/ISSN 1676-5818

- MARTIN, G. *Les Juges de Castille: mentalités et discours historique dans l'Espagne médiévale*. Dans: Annexes des Cahiers de linguistique hispanique médiévale, volume 6, 1992. p. 100 pp.5-675. *Internet*, [http://www.persee.fr/doc/cehm\\_0180-9997\\_1992\\_sup\\_6\\_1\\_2095](http://www.persee.fr/doc/cehm_0180-9997_1992_sup_6_1_2095).
- MARTIN, G *Determinaciones didáctico-propagandísticas en la historiografía de Alfonso X el Sabio*. La construcción de los Estados Europeos en la Edad Media: la propaganda política, Apr 2003, Benissa, España. 2003. *Internet*, <http://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00160899/>.
- MENENDEZ PIDAL, R. *Historia del Cid*. Madrid: Espasa Calpe, 1942.
- MONTANER FRUTOS, A. *Rodrigo el Campeador como princeps en los siglos XI y XII*. e-Spania, décembre 2010, vol.10 *Internet*, <http://e-spania.revues.org/20201>
- MUÑOZ Y ROMERO, T. *Colección de fueros municipales y cartas pueblas de los reinos de Castilla, Leon, Corona de Aragon y Navarra*. Madrid, 1847 p. 40. *Internet*, [https://books.google.com.br/books/about/Colecci%C3%B3n\\_de\\_fueros\\_municipales\\_y\\_carta.html?id=8w58yg6XzJoC&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/Colecci%C3%B3n_de_fueros_municipales_y_carta.html?id=8w58yg6XzJoC&redir_esc=y)
- RISCO, M. “Historia Roderici Didaci Campidocti ante hac inedita, et novissime in antiquo codice Bibliothecae Regii Conventus San Isidori Legionensis reperta”, págs. XVI-LX de *La Castilla y el más famoso castellano. Discurso sobre el sitio, nombre, extensión y condado de la antigua Castilla. Historia del célebre castellano Rodrigo Díaz, llamado vulgarmente el Cid Campeador*, Madrid, Blas Román, 1792. XX-310-LXVI págs. ed. facsímil La Coruña, Órbigo, 2006 *Internet*, <https://books.google.es/books?id=taAKAAAAQAAJ&pg=RA2-PR16&hl=ru#v=onepage&q&f=false>.
- ROCHWERT-ZUILLI, P. (ed.) *Cronica de Castilla*. Paris, SEMH-Sorbonne, 2010. *Internet*, <https://www.7switch.com/fr/ebook/9782919448005/cr%C3%B3nica-de-castilla>.